



*Se aceitar o convite,
não ignore o aviso...*

NUNCA SAIA SOZINHO

“Múltiplas histórias entrelaçadas
mantêm o ritmo acelerado e a tensão
alta durante toda a história.”

— PUBLISHER'S WEEKLY

CHARLIE DONLEA

Autor dos best-sellers **A GAROTA DO LAGO** e **NÃO CONFIE EM NINGUÉM**

CHARLIE DONLEA

**NUNCA
SAIA
SOZINHO**

Tradução: Carlos Szlak

 FARO
EDITORIAL

**COPYRIGHT © 2019. SUICIDE HOUSE BY CHARLIE DONLEA.
PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH BOOKCASE LITERARY AGENCY
AND KENSINGTON PUBLISHING.**

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2020

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer
meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Preparação **TUCA FARIA**

Revisão **BÁRBARA PARENTE**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagens de capa **MAGDALENA RUSSOCKA | TREVILLION IMAGES
KINOMASTERSKAYA, LOVE THE WIND,
A-STAR | SHUTTERSTOCK**

Imagens internas **ZEF ART, STOCKPHOTO MANIA | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Donlea, Charlie

Nunca saia sozinho / Charlie Donlea ; tradução de
Carlos Szlak. — São Paulo : Faro Editorial, 2020.
352 p.

Título original: The suicide house
ISBN 978-65-86041-36-1

1. Ficção norte-americana 2. Suspense I. Título II. Szlak,
Carlos

20-2818

CDD-813.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana 813.6



1ª edição brasileira: 2020
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06473-000 — Tel.: +55 11 4208-0868
www.faroeditorial.com.br

Sessão 1

Anotação no diário: OS TRILHOS

Matei o meu irmão com uma moeda de um centavo. Simples, tranquilo e perfeitamente crível.

Isso aconteceu nos trilhos. Porque, como a vida me ensinaria nos anos vindouros, um trem em alta velocidade podia ser muitas coisas. Majestoso, quando passava tão rápido que os olhos não registravam nada além de manchas de cor. Poderoso, quando ressoava sob os pés como um terremoto iminente. Ensurdecedor, quando rugia ao longo dos trilhos como uma tempestade caída dos céus. Um trem em alta velocidade era tudo isso e muito mais. Um trem em alta velocidade era mortal.

O cascalho que levava até os trilhos não estava bem compactado, e os nossos pés escorregaram na subida. Estava anoitecendo, perto das seis horas, o horário habitual em que a locomotiva passava pela cidade. As partes inferiores das nuvens adquiriram um tom de rubro agonizante quando o sol se pôs no horizonte. O anoitecer era o melhor momento para visitar os trilhos. Em plena luz do dia, o maquinista poderia nos avistar e chamar a polícia para denunciar duas crianças brincando ali perigosamente.

Claro que eu me certificara de que essa situação já havia acontecido. Era essencial para o meu plano. Se tivesse matado o meu irmão na primeira vez em que eu o trouxe aqui, o meu anonimato nessa tragédia teria sido fino como papel. Eu

precisava de munição para quando a polícia viesse me interrogar. Precisava criar uma história incontestável sobre os nossos momentos nos trilhos. Já estivéramos aqui antes. Fôramos vistos. Fôramos pegos. Informaram os nossos pais, e nós recebemos punição. Um padrão se formou. Mas dessa vez as coisas deram errado, eu diria à polícia. Éramos crianças. Éramos estúpidos. A narrativa era perfeita, e mais tarde eu saberia que teria de ser. O detetive que investigaria a morte do meu irmão era um policial muito chato. Imediatamente desconfiado da minha história, ele jamais comprou a minha explicação dos acontecimentos. Até hoje, tenho certeza de que não acredita em mim. Mas a minha versão sobre aquele dia, e a história que eu inventara, eram irrefutáveis. Apesar dos seus esforços, o detetive não encontrou furos.

Quando chegamos ao alto do aterro e paramos ao lado dos trilhos, peguei do bolso duas moedas de um centavo e entreguei uma ao meu irmão. Elas eram brilhantes e imaculadas, mas logo ficariam fininhas e lisas depois que as colocássemos nos trilhos para que o trem barulhento as achatasse. Deixar moedas de um centavo nos trilhos era um acontecimento excitante para o meu irmão, que nunca tinha ouvido falar de tal coisa antes de eu apresentá-lo à ideia. Dezenas de outras moedas de um centavo achatadas enchiam um pote no meu quarto. Eu precisava delas. Quando a polícia aparecesse para fazer as suas perguntas, a coleção de moedas serviria como prova de que já havíamos feito aquilo antes.

Ao longe, ao anoitecer, ouvi o apito. O som distante pareceu alcançar as nuvens acima de nós, ecoando nos chumaços de algodão avermelhados. O anoitecer deixara tudo mais escuro naquele momento, quando o sol decretava, granuloso e opalescente. A mistura certa de crepúsculo para conseguirmos ver o que fazíamos, mas não o suficiente para denunciar a nossa presença. Agachei-me e coloquei a minha moeda nos trilhos. O meu irmão fez o mesmo. Esperamos. Nas primeiras vezes em que viemos para cá, colocamos as nossas moedas nos trilhos e

descemos correndo o aterro para nos escondermos nas sombras. Porém, logo descobrimos que, ao anoitecer, ninguém nos notava. Assim, depois de algumas aventuras ao lado dos trilhos, paramos de nos esconder à aproximação do trem. Na verdade, chegávamos cada vez mais perto dele. No que consistia estar tão próximo do perigo que nos causava tanta adrenalina? O meu irmão nem imaginava. Eu tinha certeza. A cada aventura, tornava-se cada vez mais fácil manipulá-lo. Por um momento, pareceu injusto; como se eu tivesse assumido o papel de praticante de *bullying*, no qual o meu irmão virara especialista. Mas lembrei a mim mesmo que não devia confundir eficiência com simplicidade. Isso pareceu fácil apenas por causa do meu empenho. Pareceu fácil apenas porque eu fizera daquela maneira.

Com a aproximação da locomotiva, os seus faróis se tornaram visíveis: primeiro o superior central e, pouco depois, os dois laterais inferiores. Cheguei mais perto dos trilhos. O meu irmão estava ao meu lado, à minha direita. Tive que olhar além dele para ver o trem, que vinha vindo. O meu irmão tinha consciência da minha presença, posso dizer, porque quando me aproximei dos trilhos, ele imitou os meus movimentos. Ele não queria ficar de fora. Não queria que eu me gabasse mais ou sentisse mais adrenalina do que ele. Não podia permitir que eu tivesse algo que ele pudesse reivindicar como seu. Era assim que ele era. Como todos os praticantes de *bullying* eram.

O trem estava cada vez mais próximo.

-- A sua moeda -- eu disse.

-- O quê? -- o meu irmão perguntou.

-- A sua moeda. Ela não está no lugar certo.

O meu irmão olhou para baixo, inclinando-se um pouco sobre os trilhos. O trem barulhento veio na nossa direção. Eu dei um passo para trás e o empurrei. Tudo acabou em um instante. Ele estava lá um segundo antes e sumiu no seguinte. O trem passou rugindo, retumbando nos meus ouvidos e transformando a minha visão em um borrão de cores

enferrujadas. A locomotiva gerou uma corrente de ar que me arrastou um passo ou dois para a esquerda e me sugou para a frente, querendo que eu me juntasse ao meu irmão. Firmei os pés no cascalho para resistir ao puxão.

Quando o último vagão passou, a sucção invisível me liberou. Cambaleei para trás. A minha visão voltou, e o silêncio se apossou dos meus ouvidos. Ao olhar para os trilhos, a única coisa que restava do meu irmão era o seu tênis direito, estranhamente em pé, como se ele o tivesse descalçado e colocado ali.

Tive o cuidado de deixar o tênis intocado. Porém, peguei a minha moeda de um centavo. Estava plana, fina e larga. Enfiei-a no bolso e fui para casa, para adicioná-la à minha coleção. E para dar aos meus pais a terrível notícia.

Fechei o diário encadernado em couro. Um pedaço do marcador de tecido pendia na extremidade inferior, indicando o lugar para a próxima vez que eu tivesse que ler durante uma sessão. Um silêncio sepulcral tomou conta do recinto.

— A senhora está chocada? — indaguei por fim.

A mulher à minha frente balançou a cabeça. O seu comportamento não mudou durante a minha confissão.

— Nem um pouco — ela afirmou.

— Ótimo. Venho aqui para fazer terapia, e não para ser julgado. — Exibi o diário. — Gostaria de falar sobre os outros.

Esperei.

Ela ficou me encarando.

— Há outros. Não parei depois do meu irmão.

Fiz mais uma pausa. A mulher continuou me encarando.

— A senhora se importaria se eu falasse sobre os outros?

— Nem um pouco — ela repetiu, voltando a fazer um gesto negativo com a cabeça.

Arqueei uma sobrancelha.

— Excelente. Sendo assim, prosseguirei.

ESCOLA PREPARATÓRIA DE WESTMONT
SEXTA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 2019
23H54

A LUA EM QUARTO CRESCENTE FLUTUAVA NO CÉU DA MEIA-noite, com seu brilho embaçado visível esporadicamente através da vegetação. A presença inconstante da lua penetrava pelos galhos entrelaçados das árvores como um esmalte pálido que pintava o chão da mata num acabamento laqueado de um filme em branco e preto. Ele carregava uma vela para conseguir visibilidade, cuja chama se apagava toda vez que ele acelerava o passo e tentava correr pela mata. Procurou diminuir a velocidade, ser cuidadoso e cauteloso, mas caminhar não era uma opção. Ele precisava se apressar. Tinha de ser o primeiro a chegar. Era imprescindível vencer os outros.

Ele colocou a mão na frente da vela para proteger a chama, o que lhe permitiu alguns minutos ininterruptos para examinar a mata. Caminhou alguns metros até alcançar uma fileira de árvores de aparência suspeita. Parou para verificar um tronco à procura da chave de que tanto precisava, e a chama da vela se apagou. Não havia vento. A chama simplesmente se extinguiu, deixando uma nuvem de fumaça que preencheu as suas narinas com o cheiro de cera queimada. O eclipse repentino e inexplicável da vela significava que o Homem do Espelho estava perto. Pela regra — que como as outras ninguém nunca quebrou —, ele tinha dez segundos para reacender a vela.

Depois de tirar um fósforo da caixa — as regras não permitiam o uso de isqueiros —, ele o riscou na superfície áspera da sua lateral. Nada. As suas mãos tremiam quando ele o riscou novamente. O fósforo quebrou ao

meio e caiu no chão escuro da mata. Então, ele tentou tirar outro fósforo da caixa, e derrubou vários no processo.

— Droga! — Ele não podia se dar ao luxo de desperdiçar fósforos. Precisaria deles mais uma vez se conseguisse se dirigir para a casa e, em seguida, entrar no quarto do pânico.

Porém, naquele momento, encontrava-se sozinho na mata escura com uma vela apagada e em grande perigo, se acreditasse nos boatos e no folclore. Os tremores em seu corpo sugeriam que sim. Ele manteve a mão firme pelo tempo suficiente para riscar com cuidado o fósforo na superfície áspera, fazendo-o acender numa chama crepitante. A erupção despreendeu uma nuvem de fumaça tingida de enxofre antes de serenar e virar uma chama controlada. Ele tocou a cabeça do fósforo no pavio da vela, e ficou feliz com a luz fornecida. Respirou fundo e observou a mata sombreada ao seu redor. Manteve-se atento e à espera. Com a certeza de estar dentro do prazo definido, retornou a atenção para a fileira de árvores adiante. Lentamente, seguiu em frente, protegendo a chama com todo o cuidado à medida que avançava, já que uma vela acesa era a única maneira de manter afastado o Homem do Espelho.

Ao chegar ao imenso carvalho preto ele viu uma caixa de madeira junto à base do tronco. Ajoelhou-se e abriu a tampa. Havia uma chave dentro. O seu coração bateu forte, com contrações poderosas que fizeram o seu sangue correr rápido pelas veias salientes do pescoço. Ele respirou fundo e se acalmou. Em seguida, apagou a vela com um sopro. As regras diziam que as velas de orientação só podiam ficar acesas até que uma chave fosse encontrada.

Ele partiu pela floresta. Ao longe, um trem apitou noite adentro, estimulando a sua adrenalina. A corrida começou. Ele se chocou contra um tronco e torceu um tornozelo, tudo isso protegendo em vão o seu rosto dos galhos que o chicoteavam. Continuou pela mata, e o barulho do trem sacudiu o chão embaixo dele, e a vibração trouxe mais urgência aos seus passos.

Quando ele alcançou o limite da floresta, a locomotiva passava em alta velocidade à sua esquerda, em um borrão metálico que capturava de modo inconstante o reflexo da lua. Livrou-se da folhagem escura e partiu em direção a casa, com os seus gemidos e a sua respiração ofegante superados pelo rugido do trem. Chegou até a porta e a empurrou para abrir.

— Parabéns — alguém lhe disse assim que ele entrou. — Você é o primeiro.

— Legal — ele respondeu, sem fôlego.

— Encontrou a chave?

— Sim. — Ele a exibiu.

— Siga-me.

Eles percorreram os corredores escuros da casa até chegarem à porta do quarto do pânico. Ele enfiou a chave na fechadura da porta e a girou. A fechadura se rendeu e a porta se abriu. Os dois entraram e depois fecharam a porta atrás de si. O quarto se achava escuro como breu, muito pior do que a escuridão da mata.

— Rápido.

Ele se abaixou até o chão. Engatinhando, bateu o pé de madeira até os seus dedos tocarem com uma fileira de velas situada diante de um espelho de chão bem alto. Enfiou a mão no bolso e tirou a caixa de fósforos. Restavam apenas três. Riscou um na superfície áspera da lateral da caixa, acendendo-o. Em seguida, acendeu uma das velas e se levantou, ficando de frente para o espelho coberto por uma lona pesada.

Ele respirou fundo e acenou com a cabeça para aquele que o recebera na porta. Juntos, eles puxaram a lona do espelho. O seu reflexo ficou ofuscado pela luz da vela, mas ele notou os cortes horizontais que lhe atravessavam o rosto e o sangue que escorria deles. Ele parecia assustador e exausto pela batalha, mas conseguira. O barulho se dissipou quando o último vagão passou perto da casa e o trem seguiu para o leste. O silêncio tomou conta do quarto.

Olhando-se no espelho, ele respirou fundo. Então, juntos, os dois sussurraram:

— O Homem do Espelho. O Homem do Espelho. O Homem do Espelho.

Por um momento, nenhum deles piscou nem sussurrou. Então, algo brilhou logo atrás dos dois. Um borrão no espelho entre os seus reflexos. Em seguida, um rosto se materializou na escuridão e entrou em foco: um par de olhos luminescentes, com reflexos da chama da vela. Antes que um ou outro pudesse se virar, gritar ou lutar, a chama da vela se apagou.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus
HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito
e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite
é mais rápido do que ler um livro.
FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM FEVEREIRO DE 2021